

PENSAR COM E FORA DO ANTROPOCENO

MODOS DE CONHECER E NARRAR A PARTIR DA AMAZÔNIA

Recebido: 27 de Julho de 2023 / Aprovado: 18 de Outubro de 2023

https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_12

Queiton Carmo¹

Doutorando em História na Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Diferentes percepções sobre as paisagens e suas histórias na Amazônia brasileira são fundamentais para entender os modos de conhecimento na região. Na Ilha do Pará-Afuá, os lugares e tempos explicam múltiplas relações com seus habitantes. Os moradores da Ilha têm apontado para uma mudança nessa relação com esses ambientes as histórias narradas a partir dos próprios referências na Ilha são marcadas, para mim, como um tempo das alterações nas paisagens, e provocadas por diferentes modos de obtenção de “recursos”. Como crítica a esse processo, a prevalência de um modelo de único de natureza a ser explorada deve ser observada. Sigo as fraturas desse modelo naturalista, tensiono essa visão e aciono pensar no que mais podemos nos engajar a respeito dos conhecimentos e paisagens amazônicas. Frente às abordagens do Antropoceno, é preciso levar a sério modos de conhecer e narrar histórias, portanto, que desestabilizam uma única forma de ver a “natureza”.

Palavras-chave: Modos de conhecer; Antropoceno; Pensamento Composicional

Abstract

Different perceptions about landscapes and their histories in Brazilian Amazonia are fundamental to understanding the modes of knowledge in the region. On the Ilha do Pará-Afuá, places and times explain multiple relationships with their inhabitants. Residents of the Island have pointed to a change in this relationship with these environments, and the stories narrated from the standpoint of their own references are marked, to me, as a time of change in the landscape, and caused by different ways of obtaining resources. As a critique this process, the prevalence of a unique model of nature as something to be explored should be noted. I follow the fractures of this naturalist model, and I aim to tension this vision and think about what other possibilities exist to engage with Amazonian knowledge and landscapes. Faced with Anthropocene approaches, it is therefore necessary to seriously engage with ways of knowing and narrating stories that destabilize a single way of seeing “nature”.

Keywords: Ways of knowing; Anthropocene; Compositional Thinking

¹ tonqueiton@gmail.com

ID ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8703-0688>

Pensar com, modos de (des)conhecer o presente:

No início dos fortes períodos chuvosos entre o final do ano de dois mil e dezoito, e início de dois mil e dezenove, eu iniciei uma busca na terra dos meus ancestrais. Saí do porto da cidade de Santana, no estado brasileiro do Amapá, onde nasci, para o encontro com a Ilha do Pará, como se diz mais comumente na região; “o interior”. Aquele momento me marcou profundamente, porque sabia que não voltaria a ser mais o mesmo. E não fui. Entre as inúmeras anhingas, troncos de grandes árvores caídos pelas ribanceiras, uma vasta planície de palmeiras de açaí e buritizeiros, quis entender como as diferentes paisagens e paragens contavam as suas histórias. As histórias interligam as várzeas das ilhas com a foz do rio Amazonas e os inúmeros braços de rios que vão formando uma atual fronteira fluvial. Naquele momento, as múltiplas narrativas as quais pude ouvir, me demonstraram uma mistura indissociável entre o dizível e o silêncio, houve então a possibilidade de escutar maresias, memórias, tempos e mundos.

Esta pesquisa foi guiada etnograficamente na Ilha do Pará-Afuá, região fluvial, na foz do Rio Amazonas, por meio das histórias em que humanos, mais-que-humanos e coisas, contam sobre habitar com as marés, florestas e a terra. Priorizei ouvir os relatos das pessoas mais velhas da Ilha, os quais registrei nos últimos anos. As pessoas expõem as suas histórias com as suas paisagens, e chamam a minha atenção para os lugares habitados pelo que venho conceituando de relações

com *múltiplos-seres*. Nessas paisagens, por exemplo, uma clareira na floresta não indica de início um mero espaço vazio, desprovido de qualquer presença do real. Os bichos, os fluxos da maré, esteios de casas antigas, pedaços de barro, louças, garrafas, etc., habitam e habitaram aqueles lugares com as gentes da Ilha, formavam assim um emaranhado. Esses múltiplos-seres estão seriamente implicados com um cuidado e o estatuto instável do “humano” nas relações com o “ambiente” na Ilha. As paisagens, como discutido em outros momentos (Carmo dos Santos, 2021a) na Ilha, são e emergem de relações entre os lugares, histórias, coisas, e com seres tangíveis, ou não.

Esse modo de compressão das paisagens, e demais multiplicidades de existentes, constrói uma noção para contarmos histórias onde o foco ontológico recaia sobre nossas análises². Como descrito por Mauro Almeida (2013), em seu entendimento a partir de interpretações sobre a Caipora e a ideia de Panema no Alto Juruá, região da Amazônia central, Almeida apresenta uma discussão que intercruza os reconhecimentos sobre tais conceitos ao focar sobre uma “economia política da natureza e de entes não-naturais” (Almeida, 2013: 07). Segundo ele, o foco ontológico de agentes no mundo possibilita compreender que “não se trata de conflitos culturais, e sim de guerras ontológicas, porque o que está em jogo é a existência de entes no sentido pragmático. É questão de vida e de morte para Caipora, para antas e macacos, para gente-de-verdade e para pedras e rios” (Almeida, 2013: 22).

2. Para um aprofundamento do debate ontológico a partir de uma ampla discussão sobre tempo e ontologia na Ilha do Pará a partir de um enfoque mais extenso ver: Carmo dos Santos (2021b).

As histórias ontológicas são uma maneira de entender essas guerras, e seus combates, sendo a noção universal de humano uma delas. É neste jogo que todas e todos fomos chamados para viver e morrer no Antropoceno (Haraway, 2016a). Essa atual época, designada por inúmeras críticas, desde sua nomeação há mais de vinte anos atrás, a constar do batismo proposto pelo químico Paul Crutzen e o biólogo Eugene Stoemer (2000) para a nova e atual geologia planetária humana – essa nova época marcaria o fim do Holoceno o qual é definido pela estabilidade climática marcada pelo final do último período glacial há 10 mil anos, até os dias atuais. A nomeação do Antropoceno nos alerta para diferentes controvérsias e para as discussões políticas dessa época que desafiam as ciências (Latour, 2020). Esse acontecimento se desenrola, simultaneamente, ao modo como temos (des)conhecido o tempo presente.

Como descreveu Donna Haraway, o Antropoceno é mais *um evento limite* do que uma mera época (2016b). Pensar com o Antropoceno é estar atento aos modos de gerar sobrevivências em um planeta cada vez mais desabitado devido as ações industriais em larga escala. No Antropoceno, é preciso imaginar como distintos seres, histórias e disciplinas, podem agregar maneiras de conceber a vida biológica e social de modos inseparáveis. Podemos questionar; o prefixo *Anthropos* (Homem/ Humanidade) do Antropoceno que eleva as condições de destruição e precariza a habitabilidade na Terra está se referindo a qual "humano"? Ao compor com esse evento limite devemos prestar atenção às multiplicidades, para as suas machas e fragmentos (Tsing, 2021) as quais afetam diversos modos ontológicos de conceber o próprio mundo.

Esse estudo está preocupado em criar relações a partir de pontos de não consenso, uma metodologia onde os distintos modos de conhecer são concebidos, problematizados e podem ser construídos como tais. Nomeio esse movimento conforme designado por Denise Ferreira da Silva, um tipo de pensamento composicional, ou, fractal (Ferreira da Silva, 2019; 2020). Nesta reflexão busco nas próprias relações e suas histórias multiespecíficas apresentar os modos de habitar, seus múltiplos-seres e mundos na Ilha.

Múltiplos-seres, múltiplas paisagens:

Para a antropóloga Anna Tsing (2019, 2021), o Antropoceno e suas paisagens são encontros e assembleias multiespécies ocasionados por ferais capazes de produzir ações e reações sobre muitos agentes humanos e não humanos (ou mais-que-humanos). O *Anthropo* de Antropoceno também, parece ocultar as pretensas responsabilidades daqueles que segundo Ailton Krenak (2019) estão envenenando a terra, ao invés de viver com ela. O Antropoceno oculta a grande divisão natureza-cultura, e, simultaneamente, a faz transbordar. Relacionar modos de conhecer no Antropoceno, ou em um novo regime climático, como salientou Bruno Latour (2020), é fazer com que possam aparecer mais do que inimigos e amigos desse conceito, é questionar que força geológica é essa chamada de humanidade (Chakrabarty, 2013, 2019), para outra orientação, talvez, menos dicotômica e universalista com o próprio planeta.

De outro modo, é preciso multiplicar as noções de mundo a ser habitado, contado e narrado, pelas pessoas que vivem e são alimentadas por sonhos e

desejos com a terra, como postulou Ailton Krenak (2019), é uma tarefa de exigência para sustentar mundos. E, em simultâneo, a experiência das pessoas ligadas com suas terras constrói e relaciona a possibilidade de pensar uma noção de ‘natureza’ que escape as amarras de uma ontologia meramente utilitarista. Meu argumento é que o habitar das comunidades com as paisagens amazônicas produz formas de conhecimentos que não estabelece uma separação absoluta com o que é visto meramente como natural, e assim não prefigura uma noção homogênea de humanidade absoluta. Este argumento segue a ideia já proposta em outros trabalhos como a noção de pessoa, o engajamento dos povos com os demais seres que habitam e transformam os seus lugares (Viveiros de Castro, 2002; Fausto, 2008; De La Cadena, 2018; Cabral 2020). É ao reconhecermos os limites conceituais, dado o exemplo "humano e natureza" que poderemos pensar construir mundos fortes o suficiente que resistam as possibilidades de destruição não somente do mundo material, bem como cosmoperceptivo. Assim, reflito a necessidade de podermos contar histórias emaranhadas, implicadas com a vida na urgência de reimaginar conhecimentos e mundos possíveis – com e fora do Antropoceno. Como postula Donna Haraway (2016a), devemos fazer desse tempo o mais curto possível.

Na Ilha do Pará, múltiplos seres e suas paisagens me ensinaram como entender parte de suas marés e matas. Nos lugares da Ilha sempre podemos encontrar marcas, sejam elas marcas de gentes, bichos, árvores, das constantes marés e fortes chuvas que conformam os solos. As escolhas dos moradores da Ilha para construir suas casas

depende de toda uma observação dessas marcas e dos seres que irão habitar com eles esses lugares. O camarão, típico da alimentação local, dependendo da época do ano não supre as necessidades cada vez mais saciadas por produtos externos, em geral, industrializados. Constantemente as e os moradores da Ilha me denunciavam, em muitas de nossas conversas, a grande ausência de peixes e outros animais que em outros tempos existiam em abundância na Ilha e contribuía para o sustento local.

Os moradores mais velhos com que estabeleci conversas mais longas, seu Edilson, Dona Luzamira, e meu avô Hilton, me alertaram que essas diferenças atuais estavam cada vez mais difíceis. Ambos com quase oitenta anos, contavam que no tempo dos pais deles e que quando eram mais jovens tudo diferia por ali. Narram quando saiam para caçar na mata existiam muitos animais, como as famosas cutias e preguiças, os quais hoje em dia era muito difícil de se achar. Quando pegavam alguma embarcação para seguir o rio sempre tinham uma séria compreensão dos peixes e dos horários do dia e o fluxo das marés para desenvolver determinada atividade, hoje em dia, as fortes enchentes impossibilitam uma percepção tão aguçada como se tinha. Acima das superfícies do solo, esteios de madeira vindos da floresta sustentam as casas palafíticas cercadas por palmeiras de açáí. Há hoje em dia muitos materiais de plástico, como utensílios domésticos, sacolas, e outros, os quais são oriundos dos centros urbanos e que no fim de sua utilidade acabam espalhados pelos quintais das casas. Plásticos que, em geral, embalam comidas industriais como frango, enlatados, linguiça, carne bovina e outras comidas

salgadas apreciadas para se comer com açaí. Visto que o açaí é o fruto de maior circulação na Ilha, indissociável da economia, trabalho e alimentação local. Um marcador também do período atual de transformação intensa das paisagens que contam muitas histórias.

Por estar atento a circulação de vários materiais, os moradores da Ilha do Pará, em especial os do rio Furo Seco em que estive por mais tempo de estadias, contavam sobre as mudanças mais preocupantes que vinham ocorrendo. Quando se escuta uma história de alguém que tenta desrespeitar espaços tidos como interditados, por existir neles mais do que simplesmente árvores e bichos, os resultados são corriqueiramente associados que algo maléfico possa acontecer àquela pessoa. A floresta é um mundo rodeado de seres, e sabendo disso que os moradores do Rio Furo Seco entendem que para qualquer pessoa mexer na terra, você precisa estabelecer um vínculo com ela. Entender as dinâmicas dos seres que nela vivem.

Um exemplo dessa preocupação com os lugares e seres, recai sobre entidades outras que humanas. As visagens, no contexto local, ganham significados e expressam suas substâncias enquanto seres com a capacidade agir sobre as pessoas fisicamente. Na arqueologia, Lúcio Costa Leite (2014) e Márcia Bezerra (2017) evidenciaram como na Amazônia as histórias entre pessoas e visagens, e outras entidades, estão intimamente relacionadas com o material arqueológico. Esses seres estão, e atravessam um mundo comum da ordem do cotidiano, são formas que estão além da dicotomia, corpo-alma. Pois, as visagens não possuem corpos físicos, mas que já possuíram em algum

momento, e passaram ou foram *encantadas* para outro mundo, as visagens compreendem uma corporalidade que não é entendida nos nossos próprios termos físicos e, se quisermos, biológicos. Elas existem em determinados lugares da Ilha, interditam e possibilitam o contato com as pessoas que ali passam, ou, desejam algo daquele lugar.

Muitas histórias com a floresta foram contadas de geração em geração acompanhadas por essa diversidade de entendimento sobre o natural na Ilha. Há uma espécie de floresta que vive dentro de outra. Um modo de habitar materialmente específico e culturalmente explicativo da mudança. Por isso, os moradores mais velhos dizem repetidas vezes, naquele tempo (antigamente), pessoas “sabiam fazer coisas”. Essas pessoas detinham uma capacidade se esconder por detrás de um terçado, facão, ou mesmo transformarem-se em animais, durante um determinado momento do ano ou conforme a estação lunar. Se manter como gente era apenas mais uma coisa para se ter e fazer com a paisagem. Muitos seres agiam sobre aqueles que tentassem fazer algum mal para lugares ou animais em momentos de resguardos cotidianos.

Seu Edilson, um dos moradores mais antigos do rio Arangona, me contou a respeito de um senhor conhecido com o nome de Tavares. Ele falava que Tavares tinha muita “experiência” como eram categorizadas as pessoas que podiam e exerciam um conhecimento sobre como tirar e devolver feitiços, ou melhor, como seu Edilson me contava, uma “malvadeza”. Ele dizia ainda que as pessoas atingidas por essas malvadezas ao procurar

tratamento como seu Tavares ele só aceitava cuidar se fosse “devolver” para aquelas pessoas que mandaram o feitiço. Muitas acabavam adoecendo e não mandando de volta, pois eram elaboradas por pessoas que, em geral, se tinha uma relação conjugal. Dessa maneira, as relações que eram tecidas nas histórias com as gentes da Ilha provinham de múltiplas explicações, como dito acima, a estabilidade do lugar de gente, pessoa, “humanidade”, não era uma categoria estanque, fixa, ela estava sendo praticada por essas diversas ações no mundo.

Nessas histórias, ao ser perguntado se existia ainda “gente que sabia fazer as coisas”, seu Edilson negava e diz que já não tem mais. Nessa nossa conversa, ele continuava a me dizer e acentuava que as coisas eram acertadas daquele jeito, porque naquela época cada um tinha que saber que cada coisa possui uma consequência, tudo que se fazia pros outros, poderia se voltar contra você. Sendo “outros” não somente uma categoria restrita as pessoas, como também aos animais, plantas e seres que ocupavam as paragens na Ilha. Formas de narrar brotam ao ouvir práticas de vivência dos lugares. As multiplicidades explicativas sobre os seres na Amazônia, recaem sobre outros modos de imaginar paisagens, pois, elas passam do plano natural ao social e enredam as relações entre as pessoas e produzem uma sociabilidade própria, histórias ontológicas carregadas de importância e cuidado.³

Eles explicam, ou dão a entender, que essas pessoas, não eram julgadas de maneira pejorativa. Pois detinham determinado poder com as coisas, essa forma de atuar com certa justiça para resolver um problema. Sendo em alguns momentos justamente respeitadas por isso, “ele ou ela eram respeitados, viu?” ou “tinha muita experiência” são expressões que surgem ao contarem sobre tais pessoas e o que elas podiam fazer. Muitas dessas histórias são em alguns momentos interdidas, algumas delas são tratadas hoje em dia, muitas vezes, como anedotas.

Sobre os modos de narrar na Ilha, seu Edilson ainda me contou a respeito dos seres donos dos lugares (itálico donos dos lugares). Seu Edilson me disse com toda certeza, sobre os lugares: Sim, tem o lugar delas, sim, “*todo lugar tem seu dono*”. Ele explicou que um dia um marador contou para ele que ao ir atravessar em um igarapé pequeno, uma baixa (um caminho de água curto) que “quando ele ia passando da baixa, jogaram umas pedradas nele, ele olhou para trás e não viu ninguém, as pedradas não pegaram nele, mas ele viu as pedradas, diz ele que se arrepiou todinho” (Seu Edilson, 21 de dezembro, 2019).

A narrativa de seu Edilson, ao ressaltar “os donos” dos lugares, chamou minha atenção para outros debates etnográficos na Amazônia, sobre a noção de maestria. Os lugares como indicam também interpretações arqueológicas na região nos demandam pensar uma interligada relação

³ Comecei a investigar, na minha própria etnografia, relações que não podem ser concebidas como separadas por abstração (transcendência) - tempo histórico provido de real contra histórias (estórias) modos “ficcionalis” - dos modos materiais em que essas histórias estavam enredadas (imanência). Dito de outra maneira, a evidência de múltiplas temporalidades sobre essas histórias me soava necessário encará-las como encantadas com o mundo, com os seus seres e suas paisagens, ambos múltiplos que poderiam ser conectados. Esse modo de conhecer e narrar me deu a oportunidade de pensar nessa conexão.

entre as coisas e suas substâncias (Cabral, 2020). Como discutido pelo antropólogo brasileiro Carlos Fausto (2008), a categoria sociocosmológica de “dono ou mestre”, por meio de leituras de etnografias com distintas etnias e línguas indígenas amazônicas, ele acentua que esses distintos contextos a categoria dono-mestre aparecem muitas vezes associada a “um mundo de múltiplos domínios. Esses domínios são constitutivos da estrutura do cosmos, de tal modo que um dos pressupostos a reger a ação humana sobre o que chamaríamos de mundo natural é o de que tudo tem ou pode ter um dono” (Fausto, 2008: 339). Esse modo de entender pressupõe assim que “O dono está na origem daquilo que possui, pois o fabricou, seja este artefato pessoa ou coisa: na Amazônia, a noção de fabricação não se aplica apenas aos objetos, mas também aos corpos de parentes e de animais familiares.” (Fausto, 2008: 332). No mesmo sentido, ele também afirma “Em todas essas denotações, está se definindo a relação de um sujeito com um recurso: o dono seria o mediador entre esse recurso e o coletivo ao qual pertence.” (Fausto, 2008: 330).

A polissemia dessa categoria de fato parece central para entendermos as controversas e modos de organizar o mundo que ela demonstra. Porém, sobre o que me contam na Ilha do Pará, a ideia de dono descrita acima é também menos concentrada em uma “pessoa humana”, como também apontado na síntese de Fausto, mesmo que a pessoa possa ser entendida como um mediador importante nessas relações. Indo além dessa mediação, e extrapolando as próprias questões dessa conversa etnográfica, acredito que na Ilha os donos também são os próprios lugares, seres,

paisagens, pelo que me foi dito, assim, os donos agem e também dizem sobre a ideia de “humanidade”. Seu Edilson oferece sua própria explicação, ao me dizer que isso muitas vezes pode ser feito “para ver o jeito da pessoa, se tem medo, se não tem, porque às vezes não aparece mais”. Ele explicou: “eu ia andando também pelo caminho que fica indo naquela mesma paragem outro dia, e parece que, assim, me suspenderam lá em cima, e eu falei: égua, bora acabar com a bandalheira aí! Foi nessa dita paragem”, referindo-se ao lugar próximo do igarapé onde ele havia dito ter um dono.

Assim, quando uma “paisagem natural” é dotada de seres na qual os seus donos ali estão presentes, ela está sendo compreendida em sua singularidade e magnificação, para utilizar a caracterização de Fausto (2008). Pressuponho ser ela, a própria paisagem, junto das suas temporalidades, nessa relação, e não só o ser o qual nela habita que efetua sua particularidade, e se irmos mais fundo, sua transcendência. Não há a separação entre o lugar e o ser, mas ambos estão tão imbricados que um é o outro mutualmente. Como já comentado e proposto por Mauro Almeida (2013, 2021), são as condições ontológicas dos existentes que convivem entre si em sua pragmática relação que importam.

Joana Cabral de Oliveira (2015) ao perceber o sensível desses modos de conhecer com o povo indígena Wajãpi, nos diz uma maneira de se estar atento às diversas condições de como conhecimentos são praticados. Bem como estou discutindo aqui, há uma especificidade de narrar as múltiplas paisagens na Amazônia que estão em correlação com essas sensibilidades. Mesmo em contextos

não indígenas, visto que é perceptível uma explicação dos moradores da Ilha, como elas e eles têm estranhado cada vez mais os tempos atuais e mudança intensiva das condições climáticas. Pois, as sensibilidades que aprenderam a estar ali são as já atingidas não só pelas mudanças sociais, mas pelas condições ambientais irregulares que se tem notado.

É preciso dizer que esse conhecimento não é imamente às pessoas, que vivem nessas comunidades próximas da floresta, mas, é sensível porque é um modo de conhecer e narrar uma relação pragmática de atenção com distintas formas de existências, são conheceres praticados *in loco*. Dessa maneira, há uma socialidade que agrega uma prática de percepção de múltiplas paisagens e diferentes seres, múltiplos-seres, tangíveis ou não. Isto é, um tipo de arqueologia com as pessoas e seus conhecimentos. Para essa arqueologia "os artefatos" são explicados por meio dos modos com os quais os coletivos de viventes criam paisagens eco-sociais. Conforme discutido por por Flávio Leonel Abreu da Silveira (2016), na Amazônia mesmo em lugares urbanizados, as paisagens são coexistentiais e interespecíficas.

Na Ilha as explicações com o mundo "natural" emergem com *múltiplos-seres*, tais seres povoam não somente a abstração, mas acarretam medo, cuidado, proteção, provocam ações no mundo, são do mundo. Chocam a imagem da pretensão de superioridade da humanidade frente a tudo e todos que podem afetar. Compreendidos como letais, é na sua não domesticação que desestabilizam tipos de plantas e bichos, são seres que transmutam a fronteira nada absoluta entre

diferentes tipos de matéria, natural e cultural. Tal prerrogativa, como se sabe, nos mundos indígenas, é adotada por capacidades agentivas específicas, as viagens xamânicas, por exemplo, portam a habilidade de negociar com os múltiplos-seres e aprender com eles.

Nesse mundo, carregado de muitos mundos, "o humano" que simplesmente age por sua própria decisão ou individualidade, é desestabilizado. Sem entender que existem outros seres coabitando relações localizadas com o que se chama de "natureza", torna-se vazio. No Antropoceno as condições de existências são abertas para vários questionamentos, desde qual tipo de humano nos trouxe até aqui, até a necessidade urgente de agir frente a um precipício cujo nome se impõe em forma de uma nova época geológica destrutiva. Uma época marcada por catástrofes e pelo avanço das áreas inabitáveis (Stengers, 2015; Tsing, 2019), ao provocar aqueles que devem se unir e imagear um mundo onde cada coisa está implicada com a outra (Ferreira da Silva, 2019).

A crítica de Donna Haraway (2016) sobre o Antropoceno nos abre para aquilo que é necessário aos modos de relação e conhecimento em que prevaleça o compartilhamento, as formas de lidar com a vida a partir de um tipo de conhecer interligado, "tentacular". Desse modo, pensar com (Haraway, 2016: 37) é uma habilidade que devemos aprender ao respondermos ao Antropoceno. Devemos ficar com o problema e contar histórias compostas com a terra, tal qual aprendi com os moradores da Ilha do Pará. Na Amazônia, o cuidado e a atenção em fizeram perceber como as histórias mais "insignificantes"

querem nos contar algo. Muitas dessas histórias foram historicamente negligenciadas e silenciadas, o que podemos aprender com seus povos que habitam essa imensa floresta é minimamente respeitar e levar a sério os seus *modos de conhecer*.

Pensar fora: modo de conhecer composicional

Por meio das histórias na Ilha fui levado a me afastar de uma única explicação para suas paisagens. Operei uma metodologia que tinha como questão: o que mais eu poderia aprender fora das próprias formalizações do conhecimento ocidental. Por tanto, compreendi outras definições de narrar tempos e espaços de vida e existências para além do “fim mundo como nós o conhecemos” (Ferreira da Silva, 2019). Essa metodologia se guiou pela noção de como as pessoas contam as suas próprias histórias e como isso está presente no próprio modo como conhecimentos são repassados e narrados.

É no processo de entender a reflexividade da prática de pesquisa etnográfica, nas diversidades de relações humanas com demais seres, formas de vida, e de suas percepções que entendi e ouvi as histórias dessas múltiplas formas de constituição da paisagem na Ilha do Pará. Visto que a paisagem está carregada de um estatuto sempre agentivo com as pessoas, ao fazer com que múltiplas conexões explicativas estejam surgindo de maneira relacional. Como analisa Eduardo Viveiros de Castro, sobre as traduções de saberes ameríndios, “o que muda na passagem de uma espécie de sujeito para outra é o ‘correlativo objetivo’” (2019:

251). Assim, o que está em jogo nessas relações ontoepistemológicas entre os múltiplos mundos é uma questão também de tradução de conhecimentos, como exemplifica o autor sobre distintos pontos de vista ao falarem de uma mesma coisa, com explicações diferentes, a noção de natureza é um desses correlativos objetivos.

Por via dessa construção teórica, pretende-se expandir conceitualizações para uma ampla variedade do que também é entendido como “cultura”, orientada para um entendimento ontológico das implicações com modos de viver. Recorri a essas problematizações que me fizeram não somente questionar o que eu considerava como humano, natural, cultural ou material. Relacionei o que as pessoas estavam chamando minha atenção para quais tipos de lugares e seres eu não estava considerando, ou seja, olhei para uma *natureza incomum* (De La Cadena, 2018).

Como propõe Denise Ferreira da Silva (2019) podemos elaborar possibilidades de indeterminações ontológicas. Haja visto que a ontologia é algo que não pode ser vista postulada como uma única coisa. Dessa maneira, é a partir dos pressupostos apreendidos sobre questões de indeterminação temporal e espacial – descritores dos atributos modernos de classificação da natureza – que devemos reposicionar e conceituar qualquer modo de expressão que queira generalizar o “Homem” do Antropoceno. Assim, finalizo esse texto com uma última história, esta história decorre das paisagens vistas pelos moradores da Ilha do Pará ao encontrarem com a costa do Amapá, em especial na cidade de Santana, onde desembarcam seus carregamentos de açaí. Nessa outra paisagem,

encontramos os povos da mercadoria (Kopenawa, 2015).

Em 1946, no estado brasileiro do Amapá, no meio da floresta tropical, encontrava-se uma zona de toneladas e toneladas de minérios de manganês inexplorado. Em 1950 o contrato ganho e promulgado pelo governo brasileiro estipulava a exploração do mesmo para a empresa Industria e Comércio de Minérios S.A ICOMI durante os próximos cinquenta anos. Durante o período de exploração a empresa foi responsável pela construção de engenharia ainda não conhecida naquela região, a implementação de uma ferrovia de mais de 200 quilômetros interligou a cidade, Serra do Navio e escoar o minério até a cidade portuária Santana, onde foi construído um porto com maquinário para encher os navios cargueiros que saíam na maioria do interior da antiga floresta em direção aos portos das cidades nos Estados Unidos. Em 1998, a ICOMI esgota as jazidas do mineiro em Serra do Navio e abandona a exploração, deixou dívidas herdadas pelo Amapá e uma falsa memória de progresso e desenvolvimento promovidos por uma estética das máquinas e tecnologias trazidas pela empresa.

A mineração continuou nas décadas seguintes. Até que a falta de cuidado e a catástrofe capitalista aconteceu.. Em 28 de março de 2014, 8 anos atrás, um desabamento ocorreu na principal área do Porto de Santana por onde o minério era escoado. As imagens nos lembram que as vidas perdidas com o acidente e o abandono da empresa que comandava as explorações naquele momento deixavam mais uma vez o prejuízo com a falsa promessa de melhoria de vida para as pessoas

que vivem na cidade de Santana. Em 2021, o entusiasmo era noticiado por parte do jornalismo local para a retomada da exploração do manganês desativado desde aquele acidente.

Santana é a cidade onde nasci, meus pais vindos da Ilha do Pará, me ensinaram desde muito cedo olhar para nossas histórias, para o que esses lugares falavam. Eu, ao retornar para a Ilha do Pará, e contar as histórias das pessoas, coisas e lugares de lá, fui confrontado como tudo por ali havia mudado, as coisas, os rios, a falta dos antigos animais que viviam em abundância e eram caçados agora eram substituídos por comidas enlatadas, frango e carnes vindos a maioria de Santana.

O aumento das marés nunca visto antes, durante o período de cheios nos meses iniciais no ano, em relação os períodos cada vez mais de seca durante o período sem chuva é o que mais tem sido notado pelas pessoas que vivem nos grandes rios da Ilha do Pará, no Furo Seco, por exemplo, os peixes dizem alguns moradores tornaram-se raros, e que só se pesca para o consumo próprio. Mesmo assim, os mais velhos insistiam na possibilidade de que um mundo melhor haveria de vir, pois segundo eles e elas esse mundo já foi vivido.

Como disseram Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro em *Há mundo por vir?* (2017) ao questionarem as possibilidades filosóficas, antropológicas, e temporalidades no Antropoceno; é preciso superar o pólo sujeito pessoa de um lado, Ser, *Unwelt* sociocultural humano e de outro um todo, um cosmo, uma “natureza”. Nesse sentido, pressupor que “O que chamamos de mundo natural, ou “mundo” em geral, é para os povos

amazônicos uma multiplicidade de multiplicidades intrincadamente conectadas. As espécies animais e outras são concebidos outros tantos tipos de “gentes” ou “povos”, isto é, como entidades políticas” (Danowski & Viveiros de Castro, 2017: 97).

No Antropoceno é urgente realocar as questões de “futuro”, ou, das temporalidades emergentes que afloram para fora da mera alteridade do social com a natureza. O habitar das populações amazônicas ressalta formas de conhecimentos próprios, conhecimentos em multiplicidade, ancestrais, os quais destituem a figura homogênea de humanidade absoluta do Antropoceno. Assim, refletimos a necessidade de podermos contar histórias emaranhadas, implicadas com a vida na urgência de reimaginar conhecimentos e mundos possíveis. E se o Antropoceno se construiu como tempo das destruições dos refúgios (Tsing, 2019) do habitável, a partir da Amazônia, insisto em imaginar conhecimentos e gentes mundificados.

Na Amazônia não é somente a sua biodiversidade que está em risco, é também os seus modos de conhecer, suas ontologias, e seus viventes. As pessoas que vivem com a floresta, os chamados “povos da floresta” e demais seres, operam ecologias e cosmopolíticas (Stengers, 2018) preocupadas com um mundo sempre em transformação. É necessário reflorestar modos de pensar (Núñez, 2021), fazer com que distintos saberes e conhecedores possam ser compreendidos, como diz Davi Kopenawa (2015) a partir da profecia Yanomami, é preciso conseguir segurar o céu, para que ele não caia sob nossas cabeças. Devemos pensar de maneira composta ao unir gentes, paisagens e seus *múltiplos-seres* em tempos de devastação.

Bibliografia

- ABREU DA SILVEIRA, Flávio (2016). As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. *Iluminuras*. Porto Alegre: v. 17, n. 42, 2016, 288-315. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/69988>
- ALMEIDA, Mauro (2013). Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*. Florianópolis: v. 5, n. 1, 2013, 7-28. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/85>.
- ALMEIDA, Mauro (2021). Anarquismo Ontológico e Verdade no Antropoceno. *Ilha*. Florianópolis: v. 23, n. 1, 10-29, 2021, 10-29. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/78405>.
- BEZERRA, Márcia (2017). *Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia*. 1 Ed. Belém: GK Noronha.
- BEZERRA, Márcia (2018). O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. *Vestígios Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: v. 12, n. 2, 51-58, 2018, 51-58. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/12198/9842>
- CABRAL DE OLIVEIRA, Joana (2015). “Ensaio sobre práticas cosmopolíticas entre famílias wajãpi. Sobre a imaginação, o sensível, o xamanismo e outras obviedades”, *Mana*. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: v.21, n.2, 2015, 297-322. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/kwhmNPSL7MNV8YFLgz8bSBt/?lang=pt>
- CABRAL, Mariana (2020). Sobre urnas, lugares, seres e pessoas: materialidade e substâncias na constituição de um poço funerário Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v., 15, n. 3, 2020, 1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/434k57qZ7KDHZy9GYdvqHZp/?lang=pt>
- CARMO DOS SANTOS, Queiton (2021). “De primeiro não era assim”: histórias, paisagens e as coisas da Ilha do Pará, Afuá, Amazônia. *Revista Do Museu De Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: n.

- 36, 2021a, 107-125. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/163626>
- CARMO DOS SANTOS, Queiton (2021). Quando falamos os ancestrais: arqueologia, etnografia, tempos e modos de conhecer na Ilha do Pará, Afuá, foz do Rio Amazonas, Brasil. Dissertação de mestrado, departamento de Antropologia, PpgAng, UFMG. Belo Horizonte – MG, 2021b.
- CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. *Sopro*, n. 91, 2013, 4-22. Disponível em: <https://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>
- CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The “Anthropocene”. The International Geosphere– Biosphere Programme (IGBP) Newsletter. v. 41, 2000, 17-18. Disponível em: <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf>
- DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2017). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. 2 Ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental [2014].
- DE LA CADENA, Marisol (2018). “Natureza Incomum: Histórias do Antropo-Cego”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 69, 2018, 95-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/m9S6Cn7yqLFmftGHfddCk5b/?lang=pt&format=pdf>
- FAUSTO, Carlos (2008). Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: v.14, n.2, 2008, 329-366. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/tNKpjsQPtDrQbRhbtzkD3P/?lang=pt>
- FERREIRA DA SILVA, Denise (2019). *A dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019, p. 198. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/divida-impagavel/>
- FERREIRA DA SILVA, Denise. Pensamento fractal. Trad. de Mariana Dos Santos Faciulli e Nicolau Gayão. *Plural*. São Paulo: v. 27, n. 1, 2020, 206-214. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/163159>.
- HARAWAY, Donna (2016). *Staying with the trouble – Making Kin in Chthulucene*. 1 ed. Durham and London: Duke University Press, 2016a.
- HARAWAY, Donna (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte*. Campinas: v. 3, n. 5, 2016b, 139-146. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce (2015). *A Queda Do Céu: Palavras De Um Xamã Yanomami*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- LATOUR, Bruno (2020). *Diante de Gaia. Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. 1 ed. São Paulo: Ubu Editora
- LEITE, Lúcio Costa (2014). ‘Pedacos de pote’, ‘bonecos de barro’ e ‘encantados’ em Laranjal do Maracá, Mazagão, Amapá: perspectivas para uma arqueologia pública na Amazônia. Dissertação de Mestrado, Belém: UFPA.
- NÚÑEZ, Geni (2021). Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. *ClimaCom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte*. Campinas: v, 8, n. 21, 2021, 01-08. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>
- STENGERS, Isabelle (2015). No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro .1ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2015 [2009], p. 212.
- STENGERS, Isabelle (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: n. 69, 2018, 442-464. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>
- TSING, Anna (2021). O antropoceno mais que humano. *Ilha: Revista de Antropologia*. Florianópolis: v. 23, n. 1, 176-191, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732>
- TSING, Anna (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. 1ed. Brasília: IEB Mil Folhas.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2018). A Antropologia perspectivista e o método da

equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. *Aceno* – Revista de Antropologia do Centro-Oeste. Cuiabá: v. 5, n. 10, 247-264, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/8341>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2002). *A instância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*. 1 ed. São Paulo: Cosac & Naify.